

## **O CREPÚSCULO DE TEGNÉR: TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS DO POEMA TEGNÉR'S DRAPA (1849), DE HENRY WADSWORTH LONGFELLOW**

### **Tegnér's Twilight: translation and commentary of Henry Wadsworth Longfellow's poem Tegnér's Drapa (1849)**

Tiago Quintana  
Mestre em Linguística Aplicada / PIPGLA-UFRJ, doutorando em Letras Clássicas / PPGLC-  
UFRJ  
E-mail: [quintanads@yahoo.com.br](mailto:quintanads@yahoo.com.br)

Daniele Gallindo Gonçalves  
Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas, Coordenadora do Polo Interdisciplinar  
de Estudos do Medieval e da Antiguidade (POIEMA)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0383-9154>  
E-mail: [danigallindo@yahoo.de](mailto:danigallindo@yahoo.de)

Recebido em: 21/11/2020  
Aprovado em: 22/01/2021

**Resumo:** O fascínio pelos heróis nórdicos medievais e suas releituras românticas não se restringiu aos países escandinavos, mas sim se espalhou pela esfera cultural anglo-americana. Nos Estados Unidos, talvez o maior representante dessa recriação romântica do universo nórdico foi o poeta e educador Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882). Aqui se apresenta a primeira tradução para o português brasileiro do poema **Tegnér's drapa**, escrito explicitamente em homenagem ao bispo e escritor sueco Esaias Tegnér (1782-1846), bem como se propõe uma análise deste à luz das discussões propostas pelo campo da Recepção da Idade Média.

**Palavras-chave:** tradução, Literatura Americana, Recepção da Idade Média.

**Abstract:** The fascination with medieval Norse heroes and their romantic reinterpretations was not restricted to Scandinavian countries, but rather spread through the Anglo-American cultural sphere. In the United States, perhaps the greatest representative of this romantic reinvention of the Norse world was the poet and educator Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882). Herein is presented the first Brazilian Portuguese translation of the poem **Tegnér's drapa**, written explicitly in homage to the Swedish bishop and poet Esaias Tegnér (1782-1846), as well as an analysis of said poem in light of discussions proposed by the field of Reception of the Middle Ages.

**Keywords :** translation, American Literature, Reception of the Middle Ages.

No curso das tradições literárias, observa-se que a reinvenção do passado é uma tradição antiga; vide Homero e as tragédias atenienses. No entanto, ao pensarmos os estilos artísticos, aquele que pode ser particularmente caracterizado por fazer uso dessa reinvenção é o Romantismo. Não apenas por ambientar as obras no passado ou fazer uso de elementos considerados lendários desse passado, pois outras obras e estilos literários já o haviam feito antes (como as sagas nórdicas ou o Classicismo, por exemplo), mas sim por fornecer versões idealizadas desse passado. Esse diálogo era marcado pela tensão entre uma espécie de escapismo (o desejo de fuga para um período mais heroico, mais grandioso) e o anseio pela crítica social e pela construção de uma identidade nacional: o típico autor romântico que trabalhava com esses temas (é válido lembrar que nem todos o fizeram) não apenas glorificava os mitos e lendas do passado, mas usava-os para comentar e criticar o que enxergava como os problemas de seu presente. Conforme afirma o jurista e historiador brasileiro Clóvis Beviláqua (1859-1944), “o romantismo não era a estética do mundo real; fantasiava um mundo, que lhe parecia mais interessante, embora o fabricasse com sarrafos e as engrenagens da realidade”.<sup>1</sup>

Os românticos não reinventavam todo e qualquer passado, entretanto, mas especificamente o passado escolhido como pertencente à sua própria nação:<sup>2</sup> se os românticos da Europa continental fizeram uso da figura do cavaleiro medieval, por exemplo,<sup>3</sup> os românticos escandinavos usaram a figura de seu “ancestral heroico”, o viking – uma figura ao mesmo tempo histórica e literária, até mesmo fabulosa. Ao se discutir a tradução apresentada aqui, será importante lembrar que “viking” se refere especificamente a uma ocupação: um pirata, saqueador, explorador e mercador de origem nórdica (JONES, 1984, p. 76, nota 1). Nem todo nórdico era um viking; ser um viking significava, especificamente, engajar-se nessas atividades.

As criações literárias desses românticos escandinavos enfatizavam as qualidades e caracterizações do herói nórdico que viam como desejáveis: o guerreiro leal e honrado, o desbravador valente, o senso de comunidade aliado a um individualismo que se opunha veementemente à tirania. Dentre esses autores, um que se destacou na Europa e além foi o bispo e poeta sueco Esaias Tegnér (1782-1846), autor do poema épico **A saga de Frithiof** (1825), uma reinvenção de uma saga nórdica sobre o personagem epônimo. Não se deve subestimar o impacto de Tegnér na produção cultural da Suécia: o poema

supracitado, por exemplo, foi republicado e adaptado para diversos outros gêneros em seu país natal e tornou-o um dos poetas mais famosos em toda a Europa (o autor alemão Johann Wolfgang von Goethe [1749-1832] foi um daqueles que elogiaram a poesia de Tegnér, chamando-a de “poética antiga, poderosa, bárbara-gigantesca”).<sup>4</sup>

O fascínio pelos heróis nórdicos medievais e suas releituras românticas não se restringiu aos países escandinavos, mas sim se espalhou pela esfera cultural anglo-americana.<sup>5</sup> Poetas e romancistas como o escocês William Motherwell (1797-1835) e os ingleses Anna Seward (1742-1809), Felicia Hemans (1793-1835) e William Morris (1834-1896), dentre outros, compuseram releituras de obras medievais ou mesmo criações originais inspiradas em temas e elementos estéticos nórdicos. Essas releituras precisam ser analisadas dentro do campo da Recepção da Idade Média, havendo assim a necessidade de se compreendê-las como fruto de seus presentes assim como uma busca por mitos fundadores. São “quimeras” e precisam ser interpretadas desta forma (SILVA, 2016). A busca por “fatos” nessas obras esconde o potencial real de suas leituras e recepção no período de produção, visto que elas fazem parte de uma tradição literária que encarou o medievo como ponto de partida para a construção de uma ancestralidade em prol de noções de pertencimento.<sup>6</sup>

Nos Estados Unidos, talvez o maior representante dessa recriação romântica dos vikings foi o poeta e educador Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882). Longfellow traduziu parte da obra de Tegnér (inclusive parte de **A saga de Frithiof**) para o inglês e trabalhou com os nórdicos em seu próprio poema **The skeleton in armor** (1841); talvez sua obra mais famosa dentro dessa temática seja o poema **The saga of King Olaf**, publicado em 1863. Antes disso, no entanto, ele termina o poema **Tegnér’s drapa** (escrito explicitamente em homenagem a Esaias Tegnér) em 1847, um ano após a morte do escritor sueco, e o publica na coletânea **The seaside and the fireside** em 1850.

### **Da tradução e análise do poema Tegnér’s drapa**

Ao contrário de outros poemas de Longfellow,<sup>7</sup> os versos de **Tegnér’s drapa** são livres além de não conterem rimas. Eles fazem uso liberal de anástrofe (inversão), no entanto, além do uso ocasional de aliteração (repetição de fonemas iguais, ou ao menos similares, no começo das palavras, como em “**Balder the Beautiful**”, “**sunward sailing**

*cranes*”, ou “*god of the summer sun*”) e de um vocabulário particularmente arcaico (i.e., “*Eld*”). Tendo em vista a relativa simplicidade métrica do poema, optou-se por um rigor ainda maior que o comum no respeito às escolhas do autor na composição do poema, particularmente no campo semântico.

O princípio norteador da tradução foi o da equivalência dinâmica, termo concebido pelo linguista americano Eugene Nida (1914-2011). Dentro dessa perspectiva, o objetivo da tradução é a transferência de sentido do texto no idioma original para o texto no idioma-alvo; isto é, o propósito da tradução é provocar no receptor-alvo a mesma recepção que o receptor original teria diante do original (Cf. NIDA; TABER, 1982). Ou ainda, conforme delineado, respectivamente, pelos tradutores brasileiros Paulo Henriques Britto (1951-) e Paulo Rónai (1907-1992):

O tradutor deve produzir um texto que possa ser lido como “a mesma coisa” que o original, e portanto deve reproduzir de algum modo os efeitos de sentido, de estilo, de som (no caso da tradução de poesia) etc., permitindo que o leitor da tradução afirma, sem mentir, que leu o original. (Britto, 2012, p. 28-29)

[A] sonoridade e o acento dos vocábulos, o seu aspecto visual, a harmonia das rimas, o comprimento e o ritmo dos versos, a composição das estrofes, tudo isso é conteúdo e forma ao mesmo tempo e portanto o tradutor tem de guardá-los presentes ao espírito enquanto recria o poema em seu idioma. (Rónai, 2012, p. 156)

Algumas opções desta tradução precisam ser explicadas ao leitor. A primeira se encontra já no título traduzido, **Drápa de Tegnér**: não se julgou adequado traduzir o vocábulo em nórdico antigo “*drápa*” (veja explicação sobre o significado da palavra mais adiante) quando o próprio original em inglês faz uso dele (provocando a mesma estranheza no receptor original que causaria no receptor-alvo da tradução).

A segunda é a tradução de “*Balder the Beautiful is dead*” por “Balder o Belo é morto” em vez de “Balder o Belo está morto” (e, posteriormente, a tradução de “*The law of force is dead*” por “A lei da força é morta”); a construção é arcaica, mas é de uma literariedade apropriada e pode ser vista, por exemplo, no poema **A Gonçalves Dias**, do autor brasileiro Machado de Assis (1839-1908), no verso “Morto! É morto o cantor dos meus guerreiros!”.

A terceira é a tradução de “*meek*” por “manso”. Esse vocábulo é encontrado no verso bíblico “*blessed are the meek, for they shall inherit the earth*”, que já foi traduzido como “bem-aventurados os humildes, pois eles herdarão a terra”; optou-se, entretanto, por traduzi-lo como “manso” (outra opção comum para a tradução do verso supracitado) para preservar o contraste apresentado no poema entre a agressividade e ferocidade de Thor e a índole e comportamento de Cristo.

A próxima é a tradução do vocábulo “*fairer*” (visto nos versos “*fairer than the old*” e “*fairer than before*”) por “melhor e mais belo(a)”. Dentre outras possíveis acepções, o vocábulo “*fair*” pode significar tanto “justo” quanto “belo”. Dado o contexto em que o vocábulo aparece no poema, os dois significados seriam igualmente apropriados, por isso optou-se pela tradução supracitada para evitar que a língua-alvo deixasse de capturar todo o significado do original. Como benefício adicional, a construção “melhor e mais belo(a)” faz uso de aliteração, compensando ocasiões na qual ela não pôde ser usada anteriormente (como na tradução de “*god of the summer sun*”).

Finalmente, a tradução de “*Vikings and Jarls*” para “vikings e senhores guerreiros”. A intenção do poema ao usar “*Vikings*” no original é clara: não é uma referência aos nórdicos em geral, mas sim especificamente aos guerreiros, piratas e saqueadores cuja notoriedade foi tamanha que deram o nome à própria Era Viking (ver acima na introdução). Sendo assim, optou-se por manter o vocábulo “viking” em português para preservar todas essas acepções (por questões estilísticas, preferiu-se a grafia “viking” a “viquingue”). “*Jarl*”, no entanto, não é um vocábulo tão conhecido na língua-alvo desta tradução, e embora seja possível argumentar que ele também causaria estranheza ao receptor da língua de origem (isto é, o falante da língua inglesa), foi decidido priorizar a compreensão por parte do receptor da tradução e traduzir o vocábulo como “senhores guerreiros” (isto é, guerreiros pertencentes à nobreza).

Quanto à grafia dos nomes nórdicos, foram favorecidas grafias mais fáceis de leitura e pronúncia por parte do receptor-alvo da tradução, mas que ainda assim fossem grafias consagradas para os nomes em questão.

Tanto o texto original quanto a tradução são apresentados lado a lado a seguir para que possam ser cotejados.

**Tegnér's drapa**

(Henry Wadsworth Longfellow)

I heard a voice, that cried,  
"Balder the Beautiful  
Is dead, is dead!"  
And through the misty air  
Passed like the mournful cry  
Of sunward sailing cranes.

I saw the pallid corpse  
Of the dead sun  
Borne through the Northern sky.  
Blasts from Niffelheim  
Lifted the sheeted mists  
Around him as he passed.

And the voice forever cried,  
"Balder the Beautiful  
Is dead, is dead!"  
And died away  
Through the dreary night,  
In accents of despair.

Balder the Beautiful,  
God of the summer sun,  
Fairest of all the Gods!  
Light from his forehead beamed,  
Runes were upon his tongue,  
As on the warrior's sword.

All things in earth and air  
Bound were by magic spell  
Never to do him harm;  
Even the plants and stones;  
All save the mistletoe,  
The sacred mistletoe!

Hoeder, the blind old God,  
Whose feet are shod with silence,  
Pierced through that gentle breast  
With his sharp spear, by fraud  
Made of the mistletoe,  
The accursed mistletoe!

They laid him in his ship,  
With horse and harness,  
As on a funeral pyre.  
Odin placed  
A ring upon his finger,  
And whispered in his ear.

**Drápa de Tegnér**

(trad. Tiago Quintana)

Ouvi uma voz, que bradava:  
- Balder o Belo  
É morto, é morto!  
E através do ar enevoadado  
Passava, como o choro lúgubre  
De cisnes singrando ao sol.

Vi o pálido cadáver  
Do sol morto  
Carregado pelo céu do Norte.  
Rajadas de Nifelheim  
Dissipavam as névoas laminadas  
Ao seu redor enquanto passava.

E a voz bradava eternamente:  
- Balder o Belo  
É morto, é morto!  
E morria à distância  
Pela sombria noite adentro,  
Com tons de desespero.

Balder o Belo,  
Deus do sol veranil,  
Mais formoso de todos os deuses!  
Uma luz de sua testa irradiava,  
Runas havia em sua língua,  
Tal como na espada do guerreiro.

Tudo o que havia na terra e no ar  
Compelido foi por feitiço mágico  
A nunca lhe causar mal,  
Até as plantas e pedras;  
Tudo exceto o visco,  
O sagrado visco!

Hoder, o deus cego e ancião,  
Cujos pés são calçados em silêncio,  
Atravessou aquele gentil peito  
Com sua afiada lança, por falsidade  
Feita do visco,  
O amaldiçoado visco!

Deitaram-no em seu barco  
Com cavalo e arreio,  
Como na pira funerária.  
Odin lhe colocou



They launched the burning ship!  
It floated far away  
Over the misty sea,  
Till like the sun it seemed,  
Sinking beneath the waves.  
Balder returned no more!

So perish the old Gods!  
But out of the sea of Time  
Rises a new land of song,  
Fairer than the old.  
Over its meadows green  
Walk the young bards and sing.

Build it again,  
O ye bards,  
Fairer than before!  
Ye fathers of the new race,  
Feed upon morning dew,  
Sing the new Song of Love!

The law of force is dead!  
The law of love prevails!  
Thor, the thunderer,  
Shall rule the earth no more,  
No more, with threats,  
Challenge the meek Christ.

Sing no more,  
O ye bards of the North,  
Of Vikings and of Jarls!  
Of the days of Eld  
Preserve the freedom only,  
Not the deeds of blood!

Um anel no dedo  
E sussurrou em seu ouvido.

Lançaram o barco em chamas!  
Ele flutuou para longe  
Por sobre o mar enevoado  
Até com o sol se parecer,  
Afundando sob as águas.  
Balder nunca mais retornou!

Assim perecem os deuses antigos!  
Mas do oceano do Tempo  
Se ergue uma nova terra de canções,  
Melhor e mais bela que a antiga.  
Sobre sua verde campina  
Passeiam os jovens bardos e cantam.

Reconstruí,  
Ó, bardos,  
Melhor e mais belo que antes!  
Ó, pais da nova raça,  
Alimentai-vos do orvalho matinal,  
Cantai a nova Canção do Amor!

A lei da força é morta!  
A lei do amor prevalece!  
Thor, o trovejante,  
Não mais reinará sobre a terra,  
Não mais com ameaças  
Desafiará o manso Cristo.

Não cantai mais,  
Ó, bardos do Norte,  
Os vikings e senhores guerreiros!  
Dos dias de outrora,  
Preservai a liberdade apenas,  
Não as façanhas de sangue!

O *drápa* era um tipo de poema encomiástico (isto é, de louvor) da cultura nórdica medieval, composto em homenagem a reis, nobres, e figuras excepcionais dessa cultura (a **Óláfsdrápa Tryggvasonar** [c. 1200], por exemplo, é um poema em louvor ao rei norueguês Olaf Tryggvason [c. 960-1000]). O poema de Longfellow, no entanto, é menos um louvor e mais um lamento fúnebre em homenagem ao deus Balder da mitologia nórdica. **Tegnér's drapa** é um poema narrativo (e como tal, poderia ser considerado uma espécie de balada, embora – por ser escrito em verso livre – não demonstre a musicalidade típica do gênero) que faz uso de episódios conhecidos da

mitologia nórdica como material,<sup>8</sup> mas cuja história não se encontra em sequência cronológica.

Nesse enredo, todas as coisas e seres vivos em todos os mundos da mitologia nórdica juraram não causar mal a Balder (“tudo o que havia na terra e no ar foi compelido por feitiço mágico”), o que fez dele completamente invulnerável; a única coisa que não participou desse juramento foi o visco, uma planta considerada sagrada pelos druidas (mas não pelos nórdicos, a despeito do verso sobre “o sagrado visco”). Graças a essa invulnerabilidade, os deuses se divertiam arremessando coisas em Balder e vendo ele continuar ileso.

O único deus que não conseguia participar da brincadeira era Hoder, irmão de Balder, pois era cego (embora as fontes não façam referência a ele também ser velho, ao contrário do que o poema afirma). Vendo isso, o deus Loki entregou-lhe uma lança e guiou sua mira para que ele também se divertisse arremessando algo em Balder; o que ele não sabia é que a lança fora feita do visco.<sup>9</sup> Dessa forma, Hoder inadvertidamente assassina o próprio irmão (“atravessou o gentil peito com a afiada lança feita do amaldiçoado visco, por falsidade”).<sup>10</sup>

Com Balder, o deus luminoso (daí a associação de Balder com o sol na obra), morto, é feita sua cerimônia fúnebre. Seu corpo é carregado através da névoa e das rajadas de Nifelheim (um dos mundos da mitologia nórdica, uma terra de frio e neblina permanentes para onde vão aqueles que morrem de doença ou velhice) e então depositado em um barco junto com um cavalo e os arreios (oferendas ao morto).<sup>11</sup> O deus Odin, seu pai, lhe faz uma última oferenda ao colocar um anel em seu dedo e então sussurra algo em seu ouvido (algo desconhecido de todos; um motivo literário recorrente nas fontes, por exemplo, é a participação de Odin em duelos de charadas quando disfarçado e vencendo os duelos ao perguntar aos oponentes o que fora sussurrado no ouvido de Balder durante a cerimônia fúnebre deste). É atado fogo ao barco para que este vire uma pira funerária, e então ele é lançado ao mar.

Na mitologia, a morte de Balder é o que vai deflagrar o *Ragnarök* no futuro, o evento escatológico no qual morrem os deuses, os seres humanos, e as criaturas sobrenaturais (como elfos, gigantes e anões) em um combate final que leva a um inverno sem fim. Entretanto, um casal de humanos, Líf e Lífthrasir (“Vida” e “Amor à



Vida”), sobrevivem à destruição, assim como alguns deuses; outros, como o próprio Balder, retornam à vida. Dessa forma, o mundo será restaurado e repovoado.

No poema de Longfellow, essa renovação se dá explicitamente pela ascensão de Cristo sobre os deuses pagãos (representados por Thor, a divindade mais popular entre os nórdicos medievais: “Thor, o trovejante, não mais reinará sobre a terra ou desafiará o manso Cristo”) e a substituição do velho mundo por um novo – melhor, mais belo, no qual se preserva a liberdade da qual os predecessores desfrutavam, mas não sua violência (“preservai apenas a liberdade, não as façanhas de sangue”).

Essa é apenas a primeira camada interpretativa do poema, entretanto. A começar pelo título (*Drápa de Tegnér*, não *Drápa de Balder* – e de fato, o poema foi publicado originalmente sob o nome **Tegnér’s death**, “A morte de Tegnér”; HIRSCH, 2014, p. 182), é possível reconhecer que ele é mais do que uma narrativa pura e simples sobre a morte e os ritos fúnebres de Balder, ou a destruição do mundo nórdico que se segue a isso. Na verdade, esses acontecimentos também servem de metáfora e paralelo para a morte de Esaias Tegnér, cuja obra teve tanto impacto na tradição romântica sueca (e, em menor escala, de outros países) de resgate da cultura nórdica. Se Balder fora o sol de verão, da mesma forma, Tegnér fora o sol da literatura sueca e sua morte, embora não deflagre o *Ragnarök*, indicia o fim de uma tradição literária.

A associação de Balder a Tegnér é reforçada ainda pelo deus ser citado de forma proeminente ao longo d’**A saga de Frithiof**, sendo mesmo descrito como uma espécie de predecessor de Cristo (caracterizado especificamente como “um novo Balder” no poema de Tegnér). Sob essa ótica, as estrofes finais do poema de Longfellow não são um lamento sobre como os “jovens bardos” não mais cantarão os “vikings e nobres guerreiros” ou os deuses pagãos, mas sim uma exortação: assim como Tegnér exaltava o espírito romântico associado à figura do herói viking sem se deter por tempo demais em suas características vistas como “bárbaras”, também os “jovens bardos” que reconstruiriam o mundo deveriam fazê-lo à maneira do poeta sueco para que esse novo mundo verdadeiramente fosse “melhor e mais belo”. Um louvor à morte de Tegnér aponta, portanto, para a sobrevalorização de Longfellow em relação ao movimento literário encabeçado pelo poeta sueco por duas vias: pela recepção da obra de Tegnér em solo estadunidense (as traduções) e pela celebração da “luz” da literatura sueca. Ademais, o poema aponta para uma ideia de continuidade na tradição do belo cantar, ao

afirmar “Mas do oceano do Tempo / Se ergue uma nova terra de canções, / Melhor e mais bela que a antiga”. Seria a nova terra de canções os Estados Unidos? Lido dessa forma o poema aponta uma continuidade através dos versos de Longfellow e da recepção da obra de Tegnér – ainda que morto, Tegnér vive na obra de Longfellow.

Esses sentimentos de louvor a Tegnér não precisam ser interpretados literalmente pelo receptor contemporâneo (embora provavelmente o fossem pelo próprio Longfellow, que chegou a afirmar, referindo-se a Tegnér, que a Suécia “tinha um único grande poeta, apenas um”):<sup>12</sup> outros autores também deixaram suas marcas na reinvenção dos nórdicos nas artes (e de fato, essa prática sobreviveu tanto a Tegnér quanto ao Romantismo em si, com o próprio Longfellow continuando a usá-los em suas obras; como dito anteriormente, seu principal poema sobre o tópico, **The saga of King Olaf**, foi publicado em 1863 como parte da coletânea **Tales of a Wayside Inn**).

**Tegnér’s drapa**, ao apresentar uma releitura poética para a morte do deus Balder, lança mão do imaginário em relação à dita mitologia nórdica com a finalidade de expressar a dor causada pela morte de um poeta que foi considerado grande em seu tempo, sem, contudo, avaliar seu legado de maneira crítica e objetiva. Dessa forma, a hipérbole deve ser tomada apenas como uma ferramenta utilizada para esse fim. Algo apropriado para uma obra pertencente a um estilo caracterizado pelo escritor português Eça de Queiroz (1845-1900) como a “apoteose do sentimento”.<sup>13</sup>

### Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- GEARY, Patrick J. **O mito das nações**. A invenção do nacionalismo. Tradução de Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.
- HIRSCH, Edward. **A poet’s glossary**. Boston & New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2014.
- JONES, Gwyn. **A history of the Vikings**. New York: Oxford University Press, 1984.

NIDA, Eugene A.; TABER, Charles R. **The theory and practice of translation.**  
Leiden: E. J. Brill, 1982.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida.** 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012

SILVA, Daniele Gallindo G. Sobre “cavaleiras”: a (re)criação do medievo em Cornelia Funke. *Pandaemonium Germanicum*, v. 19, n. 29, p. 1-20, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/128165>>. Acesso em: 13/07/2020.

STURLUSON, Snorri. **Edda.** Trad. Anthony Faulkes. London: Everyman, 1995.

TEGNÉR, Esaias. **Frithiof's saga: a legend of the North.** Trad. George Stephens. Stockholm: A. Bonnier; London: Black and Armstrong, 1839.

**The poetic Edda: the heroic poems.** Trad. Henry Adams Bellows. Mineola: Dover Publications, 2007.

**The poetic Edda: the mythological poems.** Trad. Henry Adams Bellows. Mineola: Dover Publications, 2004.

THURIN, Erik Ingvar. **The American discovery of the Norse: an episode in nineteenth-century American literature.** Lewisburg: Bucknell University Press, 1999.

WILSON, David M. The roots of medievalism in North-West Europe: National Romanticism, architecture, literature. *In*: GEARY, Patrick J. & KLANICZAY, Gábor (Ed.). **Manufacturing Middle Ages: entangled history of medievalism in nineteenth-century Europe.** Leiden: Brill, 2013. p. 109-137.

## Notas

<sup>1</sup> *In*: Revista da Academia Brasileira de Letras, maio/1929, p. 63.

<sup>2</sup> Mesmo que para tal ocorresse uma apropriação cultural, como feito com os nativos brasileiros pelos escritores indianistas, como Gonçalves Dias e José de Alencar. Citando o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017): “Para se tornar nacional, a cultura tinha primeiro de negar que fosse um projeto: precisava disfarçar-se de natureza” (BAUMAN, 2012, p. 51).

<sup>3</sup> É preciso enfatizar que este é apenas um exemplo e que de forma alguma o projeto de resgate do passado pelos artistas românticos se restringiu a essa figura do cavaleiro medieval: dentre outros exemplos de autores, temas e obras, tanto o filósofo e escritor alemão Friedrich Schiller (1759-1805) quanto o historiador e escritor escocês Sir Walter Scott (1771-1832) e o professor e escritor inglês Charles Kingsley (1819-1875) escreveram sobre fora-da-lei que se tornaram heróis folclóricos; respectivamente, Guilherme Tell, Rob Roy MacGregor, e Hereward o Vigilante.

<sup>4</sup> “[...] *alte, kräftige, gigantisch-barbarische Dichtart*”. *apud* WILSON, 2013, p. 133.

<sup>5</sup> E até mesmo além. O escritor brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967), por exemplo, faz referência ao cronista danês (dinamarquês medieval) Saxo o Gramático (c. 1160-c. 1220) e sua obra **Gesta Danorum** no conto “O recado do morro”, parte da coletânea **Corpo de baile** (1956).

<sup>6</sup> Para mais acerca da ligação do século XIX com o passado medieval, ver GEARY, 2005.

<sup>7</sup> Por exemplo, **Song of Hiawatha**, **Paul Revere's Ride**, e **Evangeline**.

<sup>8</sup> Inclusive, é possível se observar que o poema presume que o leitor já conhece esses episódios.

---

<sup>9</sup> No poema **Völuspá**, de autoria anônima e data de composição desconhecida, é possível interpretar que a arma feita por Loki e entregue a Hoder é uma flecha, e não uma lança.

<sup>10</sup> Esta é apenas uma das versões desses eventos nas fontes. Na **Gesta Danorum**, Hoder e Balder eram nobres rivais, e Hoder mata Balder de forma deliberada.

<sup>11</sup> As fontes fazem referência a outras oferendas, como um anão chamado Litr, que Thor chuta para a pira funerária; e a deusa Nanna, que se joga nas chamas para acompanhar o marido na morte.

<sup>12</sup> “Sweden has one great poet, and only one.” *apud* Thurin, 1999, p. 95.

<sup>13</sup> Essa fala foi proferida pelo escritor na conferência “A literatura nova ou o Realismo como nova expressão de Arte”, que ocorreu em 12 de junho de 1871.